# *Testamento Filosófico*[1]

Félix RAVAISSON

(1813-1900)

Bossuet disse: "Quando Deus formou as entranhas do homem, colocou nelas, em primeiro lugar, a bondade." Não é menos verdade que desde os tempos mais antigos o maior número acabou cedendo às tentações do egoísmo, julgando-se, segundo o adágio estóico, como que recomendado a si mesmo pela natureza bem mais que os outros e tomando-se, se não como o único, ao menos como o principal centro de suas próprias ações. Ora, diz Bacon, pobre centro para as ações de um homem é ele próprio.

Mortais de elite permaneceram fiéis ao impulso originário, simpáticos a tudo o que ois rodeava, acreditando-se nascidos – segundo um outro dito estóico – não para si mesmos, mas para o mundo inteiro. Foram esses que os gregos acreditaram filhos dos deuses e aos quais chamaram heróis.

A grandeza de alma era o próprio dos heróis. A sorte dos demais tocava-os como a deles próprios. Tinham consciência de uma força, dentro deles, que os punha em condição de elevar-se acima das circunstâncias, que os dispunha a ir em socorro dos fracos. Acreditavam-se chamados, por sua origem, a libertar a terra dos monstros que a infestavam.

Tal havia sido, sobretudo, o filho de Júpiter, Hérculos, tão valente quanto compassivo, sempre prestativo aos oprimidos, e que encerrou sua gloriosa carreira subindo ao Olimpo. Tocado de compaixão por um velho a quem um leão temível devorara o filho, Hércules foi combater esse leão e revestiu-se de seus despojos para sempre. De outra feita, sua compaixão por Alceste levou-o aos infernos para tirá-lo de lá.

Um outro, Teseu, o Hércules ateniense, após ter descido ao labirinto para libertar cativos destinados a tornar-se a presa de um monstro, ergueu no meio de Atenas um altar à Piedade, honrando nela uma deusa. Da cidade que fundara, ele queria que a Piedade fosse como que a inspiração. Acrescentemos que, verossimilmente, a Piedade não era aí senão outro nome da grande deusa Vênus, a deusa do amor e da paz, à qual parece ter sido consagrada originariamente a Acrópole.

O herói da *Ilíada*, Aquiles, após ter-se vingado furiosamente em Heitor a morte de seu amigo, deixa-se, no fim do poema, vergar pelas preces do velho Príamo e lhe entrega os restos mortais do filho. O grande

[1] Tradução de Olavo de Carvalho. O texto aqui traduzido, um dos últimos redigidos pelo autor, foi publicado pela primeira vez no número de janeiro de 1901 da *Revue de Métaphysique e de Morale* por Xavier Léon, responsável pelo título. A segunda edição, publicada em 1933 por Boivin & Cie., sob os cuidados de Charles Devivaise, acrescenta-lhe vários parágrafos encontrados em manuscritos deixados pelo autor. Esses trechos aparecem aqui entre colchetes, seguindo a orientação da edição mais recente, Paris, Allia, 2008. (N. T.)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

poema helênico não celebra tanto a cólera de Aquiles quanto sua compaixão pelo velho pai daquele que matara seu amigo e do qual ele próprio matara o filho. É na sua piedade, sobretudo, que se faz reconhecer aquilo que seu coração tem de grande. Magnânimo – tal é o epíteto que caracteriza, mais que qualquer outro, os heróis.

Tal como fosse o herói, assim ele concebia os deuses dos quais tudo tinha recebido. Homero, ainda imbuído das máximas heróicas, chama-os doadores de bens. Afrodite, a rainha do céu, deusa da beleza e do amor, é chamada por excelência a doadora ( )[2]; numa época em que se acreditava que tudo tinha vindo da terra, mesmo os astros, representava-se o deus que nela reinava como a um tempo opulento e generoso: Plutão, o Rico, era seu nome entre os gregos; *Dives*, também o Rico, entre os latinos. Plutão, nos antigos monumentos, porta com freqüência um chifre de abundância transbordante de frutos, e Serapis, que assume tardiamente o seu lugar, um alqueire. Plutão, também com freqüência, porta aquela espécie de forcado que se tomou como arma colocada pelos pintores, Rafael entre outros, na mão de Satã, mas que, na realidade, era a enxada com que se tiravam da terra os frutos que ela continha, dos quais se acreditava terem vivido os primeiros homens; é por isso que a *Odisséia* localiza nos infernos uma pradaria de asfódelos, e não, como o acreditou Welcker, por causa do aspecto pretensamente sinistro dessa planta.

O deus hindu Purusha partilha seus membros entre seus adoradores. Ceres, Baco nos mistérios de Elêusis, servem de alimento aos iniciados, pois Ceres é o pão mesmo, e Baco é o vinho.[3]

Por toda parte, então, na antiga mitologia, vê-se a crença na beneficência divina. Longe de que reinassem entre os homens e entre suas famílias somente a desconfiança e o ódio – como o acreditou, depois de Petrônio e Hobbes, o autor da *Cidade Antiga* --, nada ali era mais honrado que a hospitalidade. O estrangeiro, se nada anunciasse nele um inimigo, era acolhido como um enviado do alto. Sacrificava-se, para festejá-lo, o que se tivesse de mais precioso. Certo homem, diz Tácito, após ter recebido um hóspede, ficou reduzido pelo resto de seus dias à mendicância.

Os homens do vulgo, não encontrando em si mesmos nenhuma força e nenhuma grandeza, não viam em torno senão fraqueza e pequenez.

Pequenez é também aquilo a que se reduz toda a sua filosofia, e pouca ofensa se lhe faria ao chamá-la de niilismo. Homens de nada, os homens do vulgo não encontravam dificuldade em admitir que tudo tinha se formado do nada.

Na consciência da sua fraqueza, o homem do vulgo não acreditava ter outro destino senão manter, entre os assaltos das circunstâncias, pelo tempo mais longo possível, uma existência precária; adquirir para viver era quase que a sua única preocupação. Se os fenômenos que se passavam em torno dele o faziam crer em potências invisíveis das quais dependia, era como em seres avarentos e invejosos dos quais devia esperar pouco de bom e muito de mau.

Os heróis faziam das coisas e do destino humano idéias totalmente diferentes.

Para esses homens de elite ou de raça, que Descartes e depois Leibniz chamarão os generosos, cada um tem uma alma cujo caráter é ser simpática a todas as outras, que existe nelas tanto ou mais do que nele próprio, e que é assim o que se poderia chamar uma simplicidade complexa ou uma simplicidade múltipla.

O que ele encontra em si, cada um desses personagens o reconhece de bom grado nos outros. O generoso, segundo Descartes e Leibniz, tem a consciência de portar em si uma força pela qual ele é senhor de si mesmo, que constitui a sua dignidade e constitui igualmente a dignidade de todos os outros. Bem mais, ele

[2] É o nome que o Cristianismo dará ao Espírito que aclara e vivifica; ele o chamará não somente aquele que doa, mas o dom. (N. da 1ª. Ed.)

[3] E no Cristianismo o Salvador, às vésperas de morrer pelos seus, dá por alimento e bebida sua carne e seu sangue. Foi também o pensamento da Eucaristia cristã que a substância que devia preparar para a imortalidade a vida das criaturas não era outra senão o Criador. E essa substância não é outra coisa, em definitivo, senão o amor, cuja natureza mesma é doar-se. (N. da 1ª. Ed.)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

está disposto a reconhecer em todos os seres, de qualquer ordem que sejam, algo de análogo. É a crença formal de Leibniz, e talvez seja só em aparência que Descartes não reconhece senão na humanidade a existência da alma. "É difícil, dizia Bossuet, acreditar que naqueles corpos que, para ressaltar a superioridade do espírito, ele reduzia à simples extensão, ele não tenha suposto também alguma coisa de mais profundo."

A crença que portanto deve ter sido no fundo a dos grandes espíritos dos primeiros tempos é que, como disse o mais antigo dos filósofos, Tales, tudo estava cheio de almas que verossimilmente essas almas, por diferentes que fossem, nem por isso deixavam de ser uma só e mesma coisa cuja raiz era a divindade.

Assim formaram-se, desde os tempos mais antigos, duas maneiras diferentes de compreender as coisas: de acordo com uma, elas reduziam-se quase que inteiramente a corpos inertes esparsos, que o acaso cego reunia ou dispersava no vazio; segundo a outra, potências ocultas, almas ou deuses, tinham feito tudo e dirigiam o mundo. Dessas duas maneiras de pensar deviam sair, pouco a pouco, duas filosofias. Uma, que Cícero chama plebéia, que no século XVIII Berkeley chama filosofia pequena e Leibniz *paupertina philosophia*, éa dos Demócritos e dos Epicuros, cujos principais fatores foram os sentidos e o entendimento, o entendimento sendo o auxiliar natural das matemáticas. A outram que se poderia chamar real ou aristocrática, é a de Sócrates, de Platão, de Aristóteles e de seus semelhantes. A primeira, buscando princípios nas coisas inferiores, que são para as superiores o que os materiais são para as formas em que aparecem a ordem e a beleza, pode ser denominada o materialismo. A segunda, em oposição, como o sutil e o fino se opõe ao grosseiro, pode ser chamada a filosofia espiritual ou espiritualista.

Segundo a filosofia que, desenvolvida, se tornaria o epicurismo, e que as opiniões do vulgo já continham em germe, nada se conhecia senão aquilo do qual davam testemunho os sentidos, nada que não fosse corpo ou acidente dos corpos. Cada um estava assim encerrado estreitamente em si, unicamente ocupado dos bens e dos males que o são para os sentidos físicos. Donde somente as sensações, tal como o proclamaram os Sofistas, eram a medida de todas as coisas.

Um homem de espírito heróico, superior às preocupações vulgares, Sócrates, compreendeu que com essa doutrina as sociedades não podiam subsistir. Persuadido de que além das coisas sensíveis havia outras das quais elas dependiam e que não se conheciam senão pela inteligência, ele fez observar que havia regras para o discernimento do bem e do mal, do justo e do injusto, sem as quais nenhum acordo poderia se estabelecer nem subsistir. Ele provou que havia generalidades comuns aos indivíduos e, em conseqüência, uma ciência que devia prevalecer sobre as suas estreitas conveniências.

Platão foi mais longe. Pareceu-lhe que todas as coisas sensíveis deviam ter modelos inteligíveis das suas qualidades, dos quais elas eram semelhanças imperfeitas e que constituíam os únicos seres verdadeiros. Eram as formas ou idéias imutáveis, das quais as coisas da natureza se revestiam passageiramente, como uma matéria dócil. Mas isso era tomar, como causas, simples modos, extratos que faz das coisas o entendimento, e que não têm uma existência real senão nos indivíduos. Era erigir como princípios abstrações criadas pelo entendimento. Era cair no erro assinalado por Tácito com estas palavras, aplicáveis a toda idolatria: forjamos e ao mesmo tempo cremos, *fingunt simul creduntque*.

[Esse erro desempenhará um grande papel em toda a história da filosofia. O entendimento tem essa faculdade de destacar, umas das outras, coisas que na realidade estão juntas – é o que se chama a faculdade de abstração. Assim constituem-se as idéias que na realidade são pensamentos, atos de inteligência.]

Aristóteles fez observar que aquilo que assim está em muitas coisas ao mesmo tempo, ou o geral, não existe em si, mas no pensamento que o cria. Só o indivíduo existe dessa maneira e só ele, em conseqüência, pode ser um princípio, uma causa de existência.

[Como admitir que tais abstrações possam explicar o movimento e a vida que é toda a natureza? Elas seriam, antes, causas de imobilidade. Ao sistema todo intelectual e lógico de Platão, Aristóteles vem substituir um outro onde o elemento prático, negligenciado ou desdenhado pelo idealismo platônico, desempenha o papel principal. Em lugar de puras idéias, as causas primeiras aí são almas, fontes de movimento e de vida.]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

Platão toma simples atributos como seres. É que há diversos sentidos da palavra ser, e distingui-los deve ser o começo da filosofia, que tem por objeto o ser.

No tempo de Platão, acrescenta Aristóteles, não se podia fazer essa distinção. A dialética não tinha ainda a força de examinar o ser fora dos contrários. [Buscar uma razão para tudo, ao passo que certas coisas e precisamente as mais altas se conhecem imediatamente por intuição e por analogia, é uma fraqueza do entendimento – fraco, sem dúvida, porque lhe falta a força intuitiva para ir ao princípio.] É o que ele pretendeu fazer ao estabelecer, como que na entrada da filosofia, a distinção das diferentes categorias. Era inaugurar, de encontro a uma teoria de abstrações que não faziam, como ele o diz, senão duplicar os objetos que se tratava de explicar, uma investigação da realidade profunda que eles ocultavam. Empreender essa iniciativa, dirigindo-se à consciência como fonte da verdade profunda, era avançar na via que tinha sido aberta pelo antigo heroísmo. E quem estava melhor preparado para esse empreendimento do que aquele que, versado no conhecimento de todas as realidades, seja físicas, seja humanas, foi o preceptor do último dos heróis gregos, Alexandre?

[O coração forte deseja o ser (Schelling), não se contenta com sombras, ídosos ou fantasmas.

As pessoas de pouca importância contentam-se com pretensos princípios que seriam nadas, quase sem uma quantidade de abstrações de ordem superior aos fenômenos; ou, se sua inteligência exige mais, como é o caso dos platônicos, lhes bastarão ainda abstrações de ordem superior aos fenômenos, que regulariam o curso deles, mas ainda não envolvem realidade.

O coração, contendo vontade e sensibilidade, exigia mais. Era-lhe necessário aquilo que exige Schelling, o ser que existe, isto é, ao qual se dirige uma experiência, tal como o ser que se pensa, que se toca na consciência. Era o voto secreto das almas enérgicas, dos heróis antes de tudo, voto do qual dão testemunho de suas ações.]

Aristóteles quer assim voltar da secura e insuficiência lógica ou racional à riqueza fecunda da experiência; da descontinuidade à solidariedade; do artificial ao natural. [Ele foi guiado por um sentimento vivo da realidade. Desse momento data o começo da filosofia positiva. Em lugar de uma noção abstrata e vaga, uma noção precisa. É que, em lugar de servir-se da faculdade de abstração e de generalização que constitui aquela parte da alma chamada o entendimento, ele escutou a faculdade prática, que compreende a sensibilidade e a vontade, e cujo foco é aquilo que se chamou, nos tempos modernos, o coração.]

Que é o ser propriamente dito que pertence à primeira e mais alta das categorias e que é o centro ao qual se reportam todas as outras? É, responde Aristóteles, a ação, que pode explicar a natureza, a qual é toda movimento. [Observador atento da natureza, que Platão desdenhava, ele reconheceu que tudo nela é movimento. Ele reconheceu também, como o diz em algum lugar, que o movimento é uma espécie de vida. Ele reconheceu, enfim, que a causa do movimento é que é a causa verdadeira, que a vida não pode resultar de outra coisa senão da vida. (Por isso, aqueles que pretendem explicá-la pelo movimento invertem a ordem verdadeira das coisas.) O movimento fenômeno pode nascer do movimento. Mas a origem primeira dele é algo de superior, que é a ação. A ação é como um instante que durasse sem sucessão. Assim busca-se conceber o eterno, o positivo da duração, onde a negação introduz a sucessão. (Mais tarde se reconhecerá que o fundo da ação é a vontade e enfim que o fundo da vontade é o amor.)

Ser é portanto agir, a ação é a existência mesma.]

E, com efeito, observa Cícero, intérprete, aqui como por toda a parte, da filosofia grega, aquilo que não faz nada ou não tem nenhuma ação bem parece também não ser nada. Se a pedra mesma existe é que na pedra também há algo de ativo e de movente.

Agora, não somente tudo aquilo que é age, mas tem ademais aquela propriedade de tender naturalmente a se comunicar. É aquela que possuíam no mais alto grau as maiores almas, as almas heróicas.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.

Na consciência, o pensamento tende a se expandir em idéias onde ela se mira de algum modo e se reconhece. Cada vivente, chegado ao seu ponto de perfeição, tende a se reproduzir como para tomar naquilo que ele engendra uma posse mais plena do seu ser.

O ser completo é o espírito, cuja natureza é tal que, agindo, ele tem consciência daquilo que ele faz, daquilo que ele é. No fundo, nada pensa sem pensar-se, ainda que de maneira e em graus diferentes. Somente em Deus a consciência perfeita do objeto é inteiramente idêntica ao sujeito. É o ápice ao qual tende de espécie em espécie, pelos diferentes graus da vida, toda a natureza, e do qual esses diferentes graus são imitações mais completas ou menos completas. [Na consciência de si, o espírito, desvencilhado das nuvens da imaginação que lhe velam os outros objetos, se vê a si mesmo na pura luz. É a visão à qual, segundo a teologia cristã, estão ligadas, com a admiração que causa a beleza suprema, a alegria e a felicidade.]

Nos diferentes estados de existência, o pensamento, que é também vontade, se reconhece em mais ou em menos nos seus objetos. Ele se reconhece neles dividido, disperso em diversas idéias até que nelas reencontre por fim sua integral unidade.

Toda a natureza é feita como que de esboços mais ou menos bem sucedidos dessa suprema perfeição, completando, antes da integração final, a diferenciação.

Nesse momento supremo, o pensamento, segundo a formula aristotélica, é pensamento do pensamento.

[Continua.]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa do autor.